

# A TRADUÇÃO E A ESCRITA ACADÊMICA COMO FERRAMENTAS PARA INTERNACIONALIZAÇÃO: O CASO DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Andressa Cristina Molinari\*

Mateus de Novaes Maia\*\*

## RESUMO

O presente artigo se debruça sobre a experiência do Centro de Tradução e Escrita da Universidade Federal Fluminense (Cite-UFF) para analisar suas potenciais contribuições para a efetivação de uma internacionalização crítica na instituição. Nesse sentido, inicialmente discorreremos sobre os modelos de internacionalização que pautam as discussões da área, bem como realizamos uma recuperação histórica das iniciativas de centros de escrita que foram desenvolvidas no Brasil, ponderando sobre como os diferentes paradigmas de inserção internacional de um país na margem do sistema-mundo influenciaram essas experiências. Ademais, analisamos os meios pelos quais o Cite pode se inserir nas políticas de internacionalização da UFF, a partir do exame de documentos oficiais da universidade voltados a esse processo.

**Palavras-chave:** Internacionalização crítica, internacionalização em casa, centros de escrita, ensino superior.

---

\* Andressa Cristina Molinari é doutora em Educação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), com período de doutorado sanduíche na Universidade da Georgia (UGA). É mestre em Estudos da Linguagem (UEL), especialista em formação de professores de Línguas pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), e licenciada em Letras Estrangeiras Modernas-Inglês (UEL), e Pedagogia (UEL). É professora adjunta da Universidade Federal Fluminense (UFF), coordenadora do CITE (Writing Center UFF) e vice coordenadora do Lablínguas/UFF. Seus interesses de pesquisa incluem a formação de professores de línguas, educação bi/multilíngue e políticas de internacionalização do ensino superior. Possui vasta experiência como professora do magistério, atuando principalmente no ensino fundamental e médio, como coordenadora de programas institucionais, e como professora e do magistério superior. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-7981-9435>.

\*\* Mateus Novaes Maia possui licenciatura em Geografia (2019) e mestrado em Literatura Brasileira (2022) pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente cursa doutorado em Literatura Comparada na mesma instituição. Faz parte dos grupos de pesquisa “Interferências: literatura, arte e ciências”, “Distopia e Contemporaneidade” e do “Núcleo de Estudos em Literatura Diaspórica, Cultura e Tradução”. É Editor Executivo na Revista Ensaios de Geografia, periódico vinculado ao programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF. Participa como assessor, tradutor e revisor no Centro Integrado de Tradução e Escrita (CITE), Writing Center da UFF. E-mail: [mateusnovaes@id.uff.br](mailto:mateusnovaes@id.uff.br); Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-0244-9755>

## TRANSLATION AND ACADEMIC WRITING AS TOOLS FOR INTERNATIONALIZATION: THE CASE OF UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

### ABSTRACT:

This article shed light into the experience of the Writing Center from Universidade Federal Fluminense (Cite-UFF), in order to analyze its contributions to critical internationalization at the Institution. In doing so, we problematize the models of internationalization that guide discussions in the area, as well as provide a historical overview of the writing center initiatives that have been developed in Brazil, while also considering how the different paradigms regarding the international insertion of country in the margins of the global system have influenced these experiences. Finally, we analyze the ways in which Cite can contribute to UFF's internationalization policies, by examining official university documents related to this process.

**Keywords:** Critical internationalization, internationalization at home, writing centers, higher education.

## LA TRADUCCIÓN Y LA ESCRITURA ACADÉMICA COMO HERRAMIENTAS DE INTERNACIONALIZACIÓN: EL CASO DE LA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

### RESUMEN:

Este artículo examina la experiencia del Centro de Tradução e Escrita da Universidade Federal Fluminense (Cite-UFF) con el fin de analizar sus posibles contribuciones a la internacionalización crítica de la institución. Con eso, se discuten los modelos de internacionalización que orientan las discusiones en el campo, así como una visión histórica de las iniciativas de centros de escritura que se han desarrollado en Brasil, considerando cómo los diferentes paradigmas de inserción internacional de un país al margen del sistema mundial han influido en estas experiencias. Además, analizamos las formas de inclusión de Cite en las políticas de internacionalización de la UFF, a partir del examen de documentos oficiales de la universidad relacionados con este proceso.

**Palabras clave:** Internacionalización crítica, internacionalización en casa, centros de escritura, enseñanza superior

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender o potencial do Centro de Tradução e Escrita (Cite) no processo de internacionalização da Universidade Federal Fluminense (UFF). Neste trabalho, interessa-nos conhecer como o Programa, que tem como objetivo primordial a tradução e revisão de trabalhos científicos da comunidade acadêmica da UFF, pode contribuir para os processos de internacionalização em uma perspectiva crítica. Para responder ao objetivo proposto, nos dedicamos a compreender o papel do Cite na Internacionalização da UFF e analisar como o Cite tem atuado no processo de internacionalização da instituição.

Nosso interesse pelo tema surge em função de uma inquietação diante da possibilidade de nossa atuação no âmbito do Centro de Escrita incorrer em um alinhamento ao paradigma de internacionalização hegemônico, que reconhecemos ter contribuído para a difusão dos centros de escrita pautados no modelo estadunidense. Isso porque a maneira com que as demandas no âmbito da Educação Superior são compreendidas incidem em como o sistema de ensino é organizado e na implantação das políticas. Com o objetivo de compreender o papel do Cite nesse processo com vistas à internacionalização, analisamos a proposta de internacionalização da UFF, buscando construir um diálogo entre esses documentos e a perspectiva de uma internacionalização crítica/emancipatória. Em seguida, analisamos como se dá a atuação do Cite por meio das atividades que o Centro tem desenvolvido em seu primeiro ano de atuação.

No que se refere à definição do termo internacionalização, Maués e Souza (2018), destacam que ela tem sido elaborada, no contexto brasileiro, a partir de políticas neoliberais. Nesse sentido, os autores compreendem que o processo de intercâmbio institucional entre as universidades brasileiras e as estrangeiras se dá nos moldes da transnacionalização de bens e serviços, a qual, pautada pela internacionalização do capital que marca a emergência da era da globalização, reproduz uma lógica pautada por esse mesmo arcabouço ideológico neoliberal nas instituições de ensino superior.

Pesquisadores têm buscado uma dimensão crítica para essa internacionalização por meio de práticas de globalização (Finardi; Guimarães; Mendes, 2020); de pesquisas neomarxistas (Vavrus; Pekol, 2015); e com base na pedagogia crítica de Paulo Freire (Chang, 2017; Hill; Hell; Van Kauter, 2019). Mas, para além de uma dimensão crítica, é preciso compreender que uma formação realmente transformadora, que vise a formação do sujeito como ser ontológico, deve partir da formação da consciência.

Pelas lentes do Materialismo histórico dialético (MHD), essa formação se torna possível pois o sujeito é agente de transformação, e mesmo constrangido pelas estruturas, é possível realizar a problematização da perspectiva de internacionalização adotada, bem como dos limites e possibilidades de atuação em uma superestrutura que impõe uma visão mercadológica de educação.

De modo a explorar os pontos apresentados nesta introdução, apresentamos uma discussão acerca dos modelos paradigmáticos de internacionalização, seguido de um levantamento acerca do histórico e da atuação dos centros de escrita na efetivação desses processos nas universidades brasileiras. Finalmente,

tratamos do papel que o Cite desempenha na UFF e dos possíveis desdobramentos de sua atuação em prol de um projeto de internacionalização crítica.

## 1. NEOLIBERALISMO, GLOBALIZAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO

O avanço das políticas neoliberais no contexto educacional e os processos de internacionalização de países estrangeiros, principalmente dos Estados Unidos, geraram demandas de internacionalização no Brasil e nos países da América Latina. Pensamos que esse é o contexto social mais amplo e a origem lógica e histórica para o surgimento dos Programas de internacionalização. Portanto, consideramos necessária uma breve explicação sobre a relação entre neoliberalismo, internacionalização e globalização, pois é justamente nesse contexto que se encontra a contradição entre os objetivos que levam aos processos de internacionalização e a perspectiva de formação que se busca adotar no contexto da Universidade Federal Fluminense (UFF).

O que Ellis (2014) nomeia de comercialização da educação, ou o capitalismo acadêmico (Ellis *et al.*, 2014), reforça um modelo de internacionalização passivo que insere as universidades e os indivíduos em um processo de mercantilização do conhecimento. Segundo a autora, a crescente atividade global, além de diminuir a autonomia das universidades e, conseqüentemente, da pesquisa, cria um mercado de trabalho internacional que transporta consigo uma visão neoliberal, buscando uma adaptação dessas universidades periféricas aos padrões hegemônicos de currículo, produção acadêmica, e concepções de ensino.

Entretanto, torna-se improvável pensar em um modelo de globalização em que as desigualdades não existam. As políticas compensatórias que buscam minimizar os problemas sociais não somente legitimam esse sistema, como também mantêm o ciclo de retroalimentação do modelo capitalista. Gramsci (1987) explica que os intelectuais não podem ser “funcionários da hegemonia”, mas devem ir na direção de uma classe autônoma, independente, para uma contra-hegemonia. A definição, portanto, de hegemonia como a superioridade e o domínio de um grupo social, nos leva a pensar como as forças sociais são organizadas de maneira a direcionar moral e intelectualmente um grupo social dominado. Esse consenso, muitas vezes passivo, mostra a necessidade de realizarmos a crítica sobre a realidade objetiva, pois essas forças formam concepções de mundo, reforçam realidades, e consolidam seus projetos de formação.

Ademais, apesar de não haver um consenso da definição dos termos globalização e internacionalização (Amorim; Finardi 2017; Baumvol; Sarmiento, 2016; Baumvol *et al.*, 2016), pesquisas da área de línguas estrangeiras têm se utilizado massivamente dos trabalhos de Knight (2008, 2004, 2003), Blommaert (2010), Altbach (2013, 2006) e De Wit (2017, 2019, 2013). Nesses termos, a globalização é definida como uma possível eliminação de fronteiras e mudanças nos padrões de interação e de fluxo de bens e indivíduos.

Para esses autores, ela é resultado não só de uma regulação mercadológica, mas também de um processo que atravessa todas as esferas da vida humana, inclusive da linguagem. Para Altbach (2006), a glo-

balização cria realidades que alteram o Ensino Superior, produzindo demandas internacionais, como as parcerias entre instituições universitárias e o estabelecimento do paradigma do uso do inglês como a língua da internacionalização e do conhecimento. A educação, então, por estar conectada ontologicamente à sociedade, opera alinhada às demandas da mesma — e, conseqüentemente, das do capital.

É importante pontuarmos também que em uma posição privilegiada, o inglês tem sido presença marcante na contemporaneidade, e perceptivelmente a língua dessa globalização. O inglês se tornou prioridade para promover a mobilidade social, uma vez que ela é o bem simbólico mais valorizado e que tem desempenhado um papel essencial nas comunicações internacionais, sejam elas no âmbito mercadológico, social ou acadêmico (Moita Lopes, 2005).

Porém, muitos pesquisadores têm apontado as contradições e indicado os interesses comerciais, políticos e ideológicos na divulgação do inglês como a língua internacional. A pesquisa de Passoni (2017) por exemplo, investiga o Programa Idiomas sem Fronteiras e as ideologias subjacentes ao ensino de língua Inglesa no Programa, identificando diferentes interesses que servem de base para a promoção da língua, desde articulações políticas, econômicas, da esfera legal, midiáticas, e como essas dimensões buscam influenciar e buscar seus interesses em uma política linguística com vistas à formação para a internacionalização.

Nesse sentido, Gimenez (2005, p.195) afirma que “precisamos nos questionar de que modo podemos efetivamente contribuir para a elaboração de políticas de formação de professores”, compreendendo o formador como mediador de um processo dialógico em que os agentes possam analisar, criticamente, as razões para suas ações, e que direção querem tomar.

## **2. PROCESSOS DE INTERNACIONALIZAÇÃO E SEUS IMPACTOS PARA AS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS**

Entre os inúmeros condicionantes históricos, é possível vislumbrar que as relações de produção passem para um nível internacional. Ao pensar a categoria trabalho no MHD, é necessário refletirmos sobre o valor do trabalho abstrato, e que pode ser materializado, aqui, em forma de textos (conhecimento). Apesar de escrever em um contexto diverso daquele vivenciado hoje, Marx e Engels (2005, p. 43) tratam do fenômeno que hoje nomeamos globalização:

Ao invés das antigas necessidades, satisfeitas pelos produtos nacionais, surgem novas demandas, que reclamam para sua satisfação os produtos das regiões mais longínquas e de climas os mais diversos. No lugar do antigo isolamento de regiões e nações auto suficientes, desenvolvem-se um intercâmbio universal e uma universal interdependência das nações. E isto se refere tanto à produção material quanto à produção intelectual. As criações intelectuais de uma nação tornam-se patrimônio comum. A estreiteza e a unilateralidade nacionais tornam-se cada vez mais impossíveis, das numerosas literaturas nacionais e locais nasce uma literatura universal.

Uma das conseqüências apontadas por Marx e Engels (2005) é a centralização do conhecimento, ao que pesquisadores nomeiam como “imperialismo do Norte” (Andreotti *et al.*, 2015; Finardi, 2017;

Finardi; Guimarães, 2017; Kumaravadivelu, 2006). Para Finardi e Guimarães (2017), esse imperialismo se observa na tensão e pressão no Brasil para se adaptar ao ranking mundial, seguindo de um lado a necessidade global de internacionalização e, de outro, as especificidades do contexto brasileiro.

Sobre esse aspecto, Finardi (2022) aponta para a desigualdade no processo de publicação de trabalhos científicos, o que invisibiliza o impacto da produção científica brasileira, quer seja pelo fato de que os *rankings* subentendem que as publicações devem ser em língua inglesa, ou pela imposição velada de competição entre o Norte e Sul global. Em sua pesquisa, Finardi (2022) mostrou ainda que esse *ranking* mundial revela que os Estados Unidos e a Inglaterra concentram mais da metade das publicações consideradas, tornando explícito como a língua em que se escrevem os artigos e o local onde os artigos são veiculados podem determinar se o trabalho será publicado ou não. Alertamos ainda para o viés ideológico (e mercadológico) da expansão da língua inglesa e da internacionalização. Assim:

O que se percebe é que os rankings atuam de maneira a medir as universidades por meio da quantidade de produção científica em colaboração com universidades estrangeiras, e por cursos ofertados em inglês na universidade, o que não coloca o Brasil em uma posição de competitividade. (Molinari; Franco; Passoni, 2020, p. 66).

A globalização, então, opera para os donos do capital. E, como em outros países, o Brasil sofre com a internacionalização passiva e a hegemonia de países do Norte, principalmente dos Estados Unidos (Finardi; Guimarães; Mendes, 2020). Muitos são os motivos que levam esses países à busca pela internacionalização. Enfatizando a importância de uma união global, não apenas física, mas social, os Estados Unidos do pós-guerra foram capazes de estabelecer um predomínio inicial em relação aos outros países do globo, uma vantagem que se estendeu para o século XXI. Com base nessa mobilidade que reforça as políticas neoliberais e o capitalismo acadêmico, os EUA operam na indústria global criando atrativos e uma demanda que referencia um modelo de *push-pull* (Mazzarol; Soutar, 2002), o qual leva estudantes e pesquisadores a deixarem seu país de origem e serem atraídos para estudos no exterior.

Finardi (2017) esclarece que no Brasil essa internacionalização passiva é resultado de uma política com ênfase na mobilidade acadêmica *outbound*<sup>1</sup>, na qual pressupõe-se que os países de origem não são capazes de oferecer recursos necessários para a pesquisa e, por isso, exportam alunos para sistemas de ensino em universidades consideradas mais bem equipadas — relação que nem sempre encontra lastro na realidade. Nesse sentido, vale ressaltar que o primeiro, e até hoje o mais abrangente, programa de internacionalização a nível federal no Brasil foi justamente o Ciência sem Fronteiras (CsF), o qual era caracterizado pelo incentivo e viabilização da mobilidade acadêmica *outbound*<sup>2</sup>.

Os moldes de inserção no cenário acadêmico internacional corroborados pelo programa federal acabariam por pautar os modelos de internacionalização nas instituições de ensino superior brasileiras

1 A mobilidade *outbound* refere-se à mobilidade acadêmica de estudantes que “saem do país em busca de qualificação” (Fogaça Bido, 2018, p. 42).

2 Importante mencionarmos aqui que na Universidade em que o Cite atua, a mobilidade *outbound* para alunos de graduação ocorre apenas em parceria com outras Universidades do globo que não cobram *tuition fees*. Isso explica o fato de a UFF não ter altos índices de mobilidade para os países anglófonos, como Estados Unidos, Inglaterra, Austrália e outros.

nos anos que se seguiram. Essa nova demanda pela superação de expectativas mercadológicas, ligadas à falta de oportunidades em diversas áreas do conhecimento e da busca pelo desenvolvimento individual, além da instabilidade econômica e social, leva muitos estudantes a buscarem essa mobilidade acadêmica internacional. (Mazzarol; Soutar, 2002).

Diante desse cenário, Stein *et al.* (2016) também argumentam que o processo de internacionalização pode levar a uma reprodução nociva de padrões globais de educação. Nas interações de âmbito global ainda impera uma noção colonial que reforça as relações capitalistas e naturaliza concepções inerentes ao liberalismo, reproduzindo uma lógica excludente. Quanto a esses aspectos, as autoras exploram quatro possíveis formas nas quais esse processo é articulado, enumerando variadas abordagens que explicam os processos de abrangência global da educação

A primeira abordagem trata do papel central da internacionalização para o crescimento econômico e expansão da educação para níveis globais. Na (1) *Articulação da economia global do conhecimento*, a educação é entendida como essencial para que essa competição seja alcançada pelos níveis de produção intelectual e inovações no campo da ciência. Concomitante a essa abordagem, a (2) *Articulação global do bem público* destaca a democratização do acesso à educação superior como forma de compartilhar o acesso ao conhecimento produzido pelos países, tendo em mente que todos se beneficiam, mutuamente, durante o processo.

Já a (3) *Internacionalização anti-opressiva* se fundamenta nos princípios da justiça social e da solidariedade entre países, problematizando as noções de Norte e Sul que condicionam esse processo. Apesar de questionar as duas abordagens anteriores, a terceira abordagem se limita à crítica dos padrões de dominação e à supremacia de alguns países em detrimento de outros, enfatizando a criação de práticas político-pedagógicas que subscrevam as relações de poder.

A quarta abordagem considera o (4) *Translocalismo relacional* como uma maneira de contrapor-se ao chamado imaginário global (Stein *et al.*, 2016) dentro da lógica capitalista global. Nessa abordagem, não é suficiente operar apenas de maneira reativa ao sistema dominante ou buscar uma reversão-diminuição das relações de poder existentes nos processos de internacionalização, pois a dominação ultrapassa os limites da ótica econômica e perpassa os limites da ontologia, limitando as possibilidades de existência dos sujeitos. Assim, a divisão internacional do trabalho, por meio da criação de fluxos desiguais da força de trabalho, não somente amplia as desigualdades a partir da acumulação de capital, como também cria novas demandas para a manutenção do sistema.

No caso do Brasil, houve uma busca por inserção nesse mercado global com vistas à participação na produção de conhecimento, reforçando padrões Norte e Sul, além da presença do Estado no financiamento massivo de políticas que alavancaram a educação superior brasileira nos *rankings* internacionais de produção científica.

Stein (2019) apresenta diferentes abordagens para a compreensão dos processos de internacionalização crítica e também sugere algumas questões que podem ajudar a responder aos imperativos globais

atuais. A ênfase está em pensar um processo de internacionalização da educação mais ético, refletindo sobre a possibilidade de a internacionalização da educação superior ainda ser capaz de responder aos desafios desse mundo global.

Defendemos uma perspectiva que entendemos como possível para que a internacionalização opere em meio às contradições da estrutura global, voltada para a formação das consciências e tendo como epistemologia uma prática que se volte à transformação social e à emancipação dos sujeitos. Essa compreensão deve-se primar pela práxis e por uma educação que tenha como elemento central a formação do sujeito omnilateral. No Quadro 1 sintetizamos tais perspectivas:

**Quadro 1** - Perspectivas de internacionalização

	Perspectiva Neoliberal	Perspectiva Revolucionária
Nível metodológico	Práticas de recrutamento de alunos e de internacionalização com base na mobilidade acadêmica estudantil.	Formação da consciência crítica de mundo com base na luta de classes e nos meios de produção.
Nível epistemológico	Desenvolvimento de uma base de conhecimentos necessários para a inserção dos sujeitos no mercado global.	Valorização de uma epistemologia da práxis que se constitui essencialmente crítica.
Nível ontológico	Repensar o papel da educação superior com vistas a se adequar às necessidades globais.	Repensar a educação superior com vistas à apropriação de elementos necessários à formação do sujeito como ser ontológico.

Fonte: Adaptado de Stein (2019).

Iniciamos essa seção trazendo algumas reflexões acerca dos impactos dos processos de internacionalização na educação superior brasileira. Em seguida, apresentamos como a proposta de internacionalização tem sido materializada nos *Writing Centers* do Brasil, e nos documentos oficiais da Universidade Federal Fluminense, como seu Plano de Internacionalização e o Plano de Desenvolvimento Institucional mais recente, bem como discutimos quais as possíveis contribuições do nosso Centro de Escrita ao processo de internacionalização da Universidade.

### 3. OS SENTIDOS CONSTRUÍDOS PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO NOS WRITING CENTERS DO BRASIL

Historicamente, os *writing centers* não fizeram parte do cotidiano das instituições de ensino superior brasileiras até muito recentemente. A emergência dos primeiros centros de escrita acadêmica no país se deu na última década, a partir de experiências variadas e independentes. A primeira tentativa de se estabelecer um *writing center* no Brasil aconteceu em 2014, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), por iniciativa de pesquisadores que, sem encontrar informações sobre a criação de *writing centers* no Brasil, entraram em contato com pares da University of North Carolina at Chapel Hill (UNC) para estabelecer o Grupo de Escrita Acadêmica da UFBA (Campbell *et al.*, 2018). As atividades do grupo consistiram em sessões de tutoria e discussões sobre métodos de escrita, além da revisão e discussão coletiva de manuscritos. As reuniões eram voltadas, sobretudo, a estudantes de pós-graduação cujos prazos de entrega de trabalhos escritos estavam próximos, e que não possuíam nenhuma outra forma de orientação sobre escrita acadêmica dentro da instituição.



O êxito desse projeto levou uma das pesquisadoras envolvidas a propor a criação de um *writing center* em uma instituição de ensino superior privada em que também atuava, a Universidade Católica de Salvador (UCSal), resultando na fundação do Centro de Escrita Científica da Universidade Católica do Salvador (CEC/UCSal) em 2016. O CEC cumpre o mesmo propósito do Grupo de Escrita Acadêmica da UFBA, com a oferta de disciplinas e oficinas voltadas à escrita científica e à elaboração de projetos e produção de artigos, revisão linguística de textos científicos, e uma tutoria para aperfeiçoamento da produção da escrita científica (UCSal, s/d).

Essas primeiras experiências refletem uma preocupação com a melhoria da qualidade da produção científica que não estava restrita a esse grupo de pesquisadores da Bahia. Já nos últimos anos, as discussões em torno desse tema se aprofundaram e tiveram seu escopo amplamente expandido, vindo a incluir debates acerca dos processos de internacionalização e o papel das instituições de ensino brasileiras em sua condição periférica diante do cenário de globalização pautado na lógica anglo-centrada.

Nesse contexto, um modelo pautado tanto no aprimoramento da escrita acadêmica em português quanto na veiculação da produção acadêmica local em canais internacionais tomou forma, vindo a confirmar-se como o padrão mais difundido entre as universidades brasileiras nos últimos anos. O primeiro desses *writing centers* foi o da Universidade Federal do Paraná (UFPR), o Centro de Assessoria e Publicação Acadêmica (CAPA), que iniciou suas atividades em 2016 e desde então serve como referência para os demais espaços da mesma natureza que foram inaugurados nas principais universidades públicas do estado paranaense no âmbito do programa *Academic Writing and Research Development* (AWARD)<sup>3</sup>. Face à emergência desse novo paradigma, faz-se necessário evidenciar a partir de que paradigma se dá a criação de *writing centers* no Brasil, em especial no caso do Cite, como se verá adiante.

Finardi (2022) pontua a existência do Norte e do Sul Global, que demonstra as assimetrias existentes entre os processos de colaboração entre países eurocêntricos e a América Latina. Desse modo, a autora advoga por um distanciamento dos padrões de internacionalização eurocêntricos, para uma internacionalização que “desnaturalize a ideia dominante do IHE [*International higher education* - Educação superior internacional] — no sentido de permitir a concepção de outras formas de atuar, pensar, experimentar e estar nas relações internacionais e interculturais no sul global<sup>4</sup>” (Leal, Finardi, Abba, 2022, p. 245, tradução nossa).

Do mesmo modo, perspectivas decoloniais (Finardi, 2022, De Wit *et al.*, 2020) afirmam que tal arcabouço teórico é particularmente relevante para a discussão em torno das práticas dos *writing centers*

3 Tais como o Centro de Escrita Acadêmica da Unicentro, da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro); O Centro de Escrita Acadêmica, Tradução e Revisão do Oeste (CETRO), da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste); o Centro de Escrita Acadêmica (CEA) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG); Centro de Escrita Acadêmica (CEA) da Universidade Estadual de Maringá (UEM); o Centro de Escrita Acadêmica da Unespar, da Universidade Estadual do Paraná (Unespar); o Centro de Escrita Acadêmica da UENP, da Universidade Federal do Paraná (UENP); e o Centro de Escrita da UEL (CEU), da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Estas instituições integram juntas o programa *Academic Writing and Research Development* (AWARD), parceria entre a Superintendência de Tecnologia e Ensino Superior (SETI) do Estado do Paraná e o Departamento de Estado dos Estados Unidos.

4 No original: “[...] denaturalizing the dominant idea of IHE — in the sense of enabling the conception of other ways of doing, thinking, experiencing and being in the international and intercultural relations in the Global South”.

no Brasil em função do caráter essencialmente etnocêntrico da implementação desses espaços nas universidades brasileiras. Nesse sentido, cabe destacar experiências anteriores que, apesar de não terem sido publicizadas como *writing centers*, buscaram atender às mesmas demandas dos centros de escrita supracitados. Em alguns casos, essas outras experiências excederam as funções prescritas para esses espaços justamente por não estarem vinculadas ao paradigma dos *writing centers* do Norte Global, permitindo que seu escopo de atuação se expandisse organicamente, a partir das demandas específicas do meio acadêmico brasileiro, como no caso adotado pela UFF.

Segundo levantamento feito por Cristovão e Vieira (2016), havia “cinco centros voltados para leitura e escrita acadêmica” no Brasil em 2015 (p. 209). Estes eram o Laboratório de Pesquisa e Ensino de Leitura e Redação (LabLeR) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); o Laboratório de Letramento Acadêmico da Universidade de São Paulo (USP); o Laboratório de Estudos do Texto da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e as Cátedras Unesco presentes na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Do mesmo modo, o inventário realizado por Cristovão e Vieira suscita questões interessantes em relação à história dos centros de escrita no Brasil. Chama a atenção a quantidade, ainda que limitada, de iniciativas voltadas ao desenvolvimento de centros de escrita anteriores ao programa AWARD, bem como sua distribuição geográfica relativamente dispersa, excedendo em muito o estado do Paraná. Em fronteiras paranaenses, é também notável que a UEPG possuísse esforços no sentido da internacionalização e qualificação da escrita de sua comunidade acadêmica já naquela época.

É igualmente marcante que duas das cinco experiências elencadas sejam fruto de uma parceria com uma instituição internacional, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), tendência que se confirmaria mais tarde com o programa AWARD. Uma cátedra UNESCO é definida pela organização como

uma equipe liderada por um estabelecimento de ensino superior ou de pesquisa que faz parceria com a UNESCO em um determinado projeto para promover o conhecimento e a prática em uma área de prioridade comum<sup>5</sup> (UNESCO, 2022, tradução nossa).

O estudo das autoras atesta “a escassez e a necessidade de expansão do número de CE [Centros de Escrita] nas universidades brasileiras”, bem como alude ao fato de que, na época, “as iniciativas de ensino [de escrita] se d[avam] primordialmente em disciplinas do currículo” (Cristovão; Vieira, 2016, p. 220). Em trabalho publicado no mesmo dossiê, as líderes do Laboratório de Letramento Acadêmico da Universidade de São Paulo, destacam que a criação do Laboratório se deu justamente em função desse quadro, culminando em sua atuação em prol da “socialização da produção acadêmica por meio da escrita acadêmica em inglês e francês, não somente para fins de leitura e assimilação de conteúdo, mas, sobretudo, para a publicação nessas línguas” (Ferreira; Lousada, 2016, 127).

5 No original: “Una Cátedra UNESCO es un equipo dirigido por un establecimiento de educación superior o de investigación que se asocia con la UNESCO en un proyecto determinado para lograr avances en el conocimiento y en la práctica en un ámbito de prioridad común”.

Na mesma toada, em uma exposição sobre o escopo de suas atividades, os membros do Centro de Escrita Acadêmica da Unespar situaram o âmbito da atuação comum a todos os centros de escrita ligados ao programa AWARD como sendo o fornecimento de “um espaço acadêmico para assessorar discentes e docentes com sua escrita científica, especialmente para publicação internacional” (ALMEIDA *et. al.*, 2022, p. 1).

A nosso ver, a internacionalização deve ter objetivos mais engajados com a justiça social, a inclusão, e formas sustentáveis de se fazer pesquisa. Além disso, atentas e atentos a essas contradições, e a esse fenômeno que está sendo amplamente difundido, temos nos empenhado na jornada de criação e manutenção de um centro que integre a prática da tradução com o papel de um polo de aprimoramento da escrita acadêmica, e que tenha como um de seus pilares a inclusão e a formação de sujeitos capazes de atuarem nas mais diversas esferas.

É a partir dessa perspectiva que desenvolvemos nossas atividades no Centro Integrado de Tradução e escrita da Universidade Federal Fluminense (Cite-UFF), buscando conciliar a necessidade de visibilidade internacional com o apoio às demandas internas da comunidade acadêmica. O escopo dessas atividades é o tema a ser discutido a seguir.

#### 4. CENTRO DE ESCRITA DA UFF

O Cite é uma iniciativa da atual gestão da UFF, administrado pela Superintendência de Relações Internacionais (SRI), e desenvolvida em parceria com a Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (Proppi) e o Departamento de Letras Estrangeiras Modernas do Instituto de Letras (GLE). A partir do entendimento de que a escrita em língua estrangeira é um dos grandes desafios no processo de internacionalização da Universidade e na formação dos alunos da UFF<sup>6</sup>, o Cite promove atividades de apoio e fomento à escrita acadêmica que têm como objetivo viabilizar meios de auxiliar professores e alunos da UFF no processo de publicação de artigos científicos e outros textos acadêmicos, além de trazer à baila um aspecto formativo, dentro da perspectiva dos letramentos acadêmicos, com ações voltadas para o estudo e prática de escrita de gêneros textuais cuja proficiência é requerida no universo do ensino superior.

Com vistas a uma inserção no mercado global e à participação na produção de conhecimento, a educação superior brasileira tem adotado estratégias de internacionalização com o objetivo de alavancar a produção acadêmica e científica em língua estrangeira. Tendo em vista este cenário, o Cite surge com o objetivo de auxiliar a comunidade acadêmica na propagação do conhecimento científico produzido na nossa instituição. Este processo é viabilizado através de um edital que é aberto periodicamente e publicado no Portal de Editais da instituição. Os artigos submetidos são avaliados e selecionados pela equipe de coordenação acadêmica para os serviços de tradução e revisão para a língua inglesa.

---

6 questão posta em pauta na academia brasileira desde a efetivação do programa Ciência sem Fronteiras e a consequente criação do Inglês sem Fronteiras (IsF) em âmbito nacional e, já antes, com o Programa de Universalização em Línguas Estrangeiras (Pule) no contexto da UFF.

A iniciativa do Cite vem ao encontro de necessidades internas da comunidade acadêmica da UFF cujo mapeamento remonta à década passada — e cuja expressão em documentos oficiais só se intensificou desde então. Em um percurso cronológico reverso, vê-se na página 45 da Minuta do Plano de Desenvolvimento Institucional para 2023-2027 da UFF que uma das ações sugeridas para alcançar os objetivos estratégicos traçados para a Pós-graduação é o “auxílio na revisão dos artigos em inglês”.

Em um contexto mais amplo, o Plano Institucional de Internacionalização (PII) da Universidade Federal Fluminense (2018) foi traçado com o intuito de estabelecer estratégias para consolidar a projeção da UFF no âmbito internacional durante o quadriênio de 2018-2022. Estas encontram-se ancoradas em três pilares:

1. Conceber um modelo de internacionalização que considere a necessidade de **inclusão do Brasil no concerto das grandes nações**<sup>7</sup>, nos principais centros produtores de conhecimento científico e cultural;
2. Promover uma internacionalização solidária com instituições e centros de pesquisa em fase de **implantação, desenvolvimento ou consolidação, sobretudo na América Latina e na África**, para os quais podemos dar efetiva contribuição na condição de liderança regional;
3. Levar em consideração a missão expressa da Universidade Federal Fluminense, que é **produzir, difundir e aplicar conhecimento e cultura de forma crítica e socialmente referenciada** (UFF, 2018, p. 12).

Como podemos perceber, no PII, há uma busca por inserção nesse mercado global com vistas à participação na produção de conhecimento. A internacionalização crítica também surge aqui como uma maneira de responder aos imperativos globais atuais. A ênfase está em pensar um processo de internacionalização da educação mais ético; refletindo sobre a possibilidade de a internacionalização da educação superior ainda ser capaz de responder aos desafios desse mundo global, com parcerias que não se atém apenas ao Norte/Sul global. Desse modo, a internacionalização como sinônimo de solidariedade global (Stein, 2019) busca a transformação do *status quo* em escala global. Nessa perspectiva, se bem utilizada, a internacionalização pode ser usada para gerar mudanças em comunidades e grupos marginalizados, alcançando maior justiça global.

O PII foi confeccionado a partir de demandas já expressas no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da Universidade para o período de 2013-2017 (2012), como atesta a coesão entre os pilares da visão de internacionalização da Universidade descritos acima e os parágrafos que encerram o item dedicado ao perfil institucional da UFF no documento de 2012:

A universidade, como lugar de produção de conhecimento e tecnologia, deve estar articulada com os grandes centros de saber, internacionalizando-se, isto é, integrando-se a uma rede mundial de produção e disseminação do conhecimento pelo planeta, **com forte compromisso ético na sua reprodução**, visando **minorar os desníveis socioeconômicos entre os povos** e estando a serviço da democracia e da paz.

A UFF não pode ficar atrás nesse processo. Sua vocação original não deve ser empecilho, mas estímulo para a formulação de um **projeto que atenda às novas demandas que o presente-fu-**

7 Grifo nosso.

**turo exige dos centros de saber**, caminhando assim para um processo de internacionalização. Os resultados assegurarão tanto um futuro melhor para os seus alunos, como incidirão em um maior desenvolvimento do interior fluminense, integrando-o naquele processo, e ampliando, também, a própria visibilidade da UFF no cenário nacional e internacional (UFF, 2012, p. 19).

Ambos os documentos sublinham o caráter crítico da proposta de internacionalização da UFF. Sabemos que a globalização tende a concentrar o conhecimento em instituições do Norte Global, deixando claros sinais de desigualdade no ensino superior internacional. E, apesar da Universidade estar mergulhada nas contradições do fenômeno global, uma vez que não está alheia a tais imperativos, tende a caminhar também na direção oposta, uma vez que impulsiona a criação de projetos descentralizadores com vistas à superação de desigualdades sociais e de acesso à educação. A ênfase está em pensar um processo de internacionalização da educação mais ético que equilibre o acesso e o desenvolvimento de temas como representação, consciência cultural, e minimizando questões de injustiça social, tanto no âmbito local, como global.

No quadro referente à “Internacionalização” (p. 47-48), uma das metas é “Apoiar docentes e alunos na preparação de textos científicos para publicação internacional”. Neste esquema, o valor de referência para a quantidade desses textos é 6, e consta que a meta para o ano de 2023 é 9. Esse número vai progressivamente aumentando para 13 em 2024, 17 em 2025, 21 em 2026 e 25 em 2027. Na página seguinte, entre as ações sugeridas, conta-se “Ampliar o número de traduções oferecidas no Centro Integrado de Tradução e Escrita” (p. 48). Dessa forma, a UFF insere o Cite como elemento integrante na lógica de produção e difusão do conhecimento científico.

Porém, para além da tradução e revisão de textos, neste espaço buscamos desenvolver uma internacionalização crítica por meio de práticas de (trans)formação dos processos de escrita, criando possibilidades e espaços de atuação para a comunidade UFF. Entendido como instância voltada para atender às necessidades educativas da comunidade UFF, o centro de escrita afirma-se também como um espaço de cultura e criatividade, que busca contribuir para a sociedade de maneira ética e com responsabilidade social.

Para que isso ocorra, nos voltamos para uma formação com ênfase na escrita acadêmica, em que temos como epistemologia uma prática que se volta à transformação social e à emancipação dos sujeitos. Desse modo, os sujeitos são agentes da própria aprendizagem, pois a ênfase está em pensar a internacionalização da educação de maneira crítica e ética; refletindo sobre a educação superior, e nossa capacidade de responder aos desafios do mundo global e local. Primamos assim, por uma prática que tenha como elemento central a formação.

Nesse sentido, além dos serviços de tradução de artigos científicos, realizamos atividades voltadas para toda a comunidade da UFF. Entre elas estão *workshops*, palestras, tardes de trabalho em grupo, eventos envolvendo temas relacionados à tradução, escrita, leitura, entre outros. Também compartilhamos conteúdos voltados para estratégias de escrita, pesquisa e letramento acadêmico autônomo em nossas redes sociais. Assim, evidenciamos também a internacionalização em casa, por meio de processos de ensino e de aprendizagem, atividades extracurriculares e pesquisas, democratizando o acesso aos bens que a Universidade pode oferecer.

A imagem abaixo (Figura 1) apresenta algumas das atividades promovidas pelo Cite com vistas a contribuir para a formação da comunidade acadêmica da UFF, publicizadas por meio da rede social Instagram (@citeuff). A palestra “Traduzindo o Intraduzível: considerando estratégias tradutórias diante do que ‘aparentemente’ não pode ser dito”, com a professora da casa Vanessa Hanes, voltada à prática tradutória para além do nicho dos textos acadêmicos; a postagem informativa sobre o plágio, baseada na cartilha “Nem tudo que parece é: entenda o que é plágio”, produzida pela Comissão de Avaliação de Casos de Autoria (biênio 2008-2010), do Departamento de Comunicação Social - Instituto de Arte e Comunicação Social (IACS) da UFF; o encontro de escrita “Escreva e Cite”, em que os assessores do centro de escrita estiveram à disposição da comunidade acadêmica ao longo de todo um dia para sanar suas dúvidas e contribuir para o desenvolvimento de sua escrita acadêmica; e o minicurso “Princípios Básicos do TCC”, organizado por três dos assessores, que instruiu os inscritos sobre estratégias para produzir um trabalho de conclusão de curso.

Figura 1 – Postagens da Página do Cite-UFF no Instagram



Fonte: <https://www.instagram.com/citeuff/>. Acesso em 22/09/2023

Destaca-se, sobretudo, a agência dos discentes que compõem a equipe do Cite na efetivação dessas atividades. Dado o caráter formativo do centro de escrita, todo o desenvolvimento das ações do centro de escrita, do acompanhamento das atividades de tradução e revisão à oferta das palestras, minicursos e *workshops*, visa o desenvolvimento acadêmico e pessoal dos estudantes envolvidos nas atividades. A seleção dos temas a serem abordados com o público, a confecção das comunicações em redes sociais e a apresentação dos mini cursos, todas partem dos alunos participantes, os quais, em um processo dialógico, qualificam-se e aprendem na mesma medida em que contribuem para o processo formativo de seus pares ao se colocarem à frente dessas diversas ações voltadas à comunidade acadêmica da UFF.

Assim, nosso objetivo e missão estão enraizados no desejo de formar uma comunidade acadêmica cada vez mais confiante em sua capacidade intelectual e pronta para contribuir para a sociedade como profissionais. Entendemos que esses objetivos vão ao encontro de outras iniciativas já presentes no contexto acadêmico brasileiro, como alguns dos centros de escrita e demais iniciativas em prol do letramento acadêmico que se desenvolveram sob diferentes alcunhas desde a década passada, as quais buscam efetivar através de suas práticas a conciliação da pesquisa e da extensão no âmbito da produção acadêmica em detrimento de uma ótica que conceba as atividades de tradução e revisão como a prestação de um serviço.

Dessa forma, longe de confirmar um modelo paradigmático pautado nos *writing centers* do norte global, o Cite espera afirmar-se entre os centros de escrita que compartilham de uma perspectiva — e de uma prática — emancipatória para a educação brasileira.

## CONSIDERAÇÕES

A maneira com que as demandas no âmbito da Educação Superior são compreendidas incidem tanto sobre como o sistema de ensino é organizado quanto na implantação das políticas voltadas a esse segmento. Com o objetivo de compreender o papel do Cite na Internacionalização da Universidade, e de que forma ele tem atuado e/ou pode contribuir para uma Internacionalização crítica, inicialmente nos atemos à articulação de temas como globalização e internacionalização como princípios que orientaram essa análise, nos alinhando a uma perspectiva que deva buscar uma formação e atuação mais crítica, minimizando as desigualdades com vistas a uma formação do ser ontológico.

Em seguida, em uma análise mais ampla, mostramos o percurso histórico e o surgimento dos Centros de Escrita no Brasil para buscar entender de que modo o Cite se insere nessa macro estrutura e, por fim, evidenciamos a implementação de um modelo que está se consolidando por meio de uma prática consciente, e que o sentido de atuação não está apenas na reprodução da atividade material e intelectual, mas busca atuar na superação das contradições do sistema global.

Esse processo de observação e reflexão são elementos fundamentais para a análise do trabalho que realizamos, pois buscamos contribuir com maneiras de re/pensar a nossa ação nesse contexto, como coordenadora pedagógica e como assessor. Conscientes do papel das instituições de educação superior na superestrutura do sistema capitalista, buscamos pensar em projetos pedagógicos e modos de atua-

ção que levem à tomada de consciência das contradições do sistema e nos permitam atuar tendo como base o trabalho educativo.

Em nossa experiência com o Cite, o centro de escrita tem mostrado um potencial de formação capaz de encorajar uma internacionalização crítica baseada em uma pedagogia transformadora e um fazer mais ético, refletindo nossa intenção de materializar uma internacionalização da educação superior que seja capaz de responder aos desafios locais e globais.

## REFERÊNCIAS

- Almeida, R. S. *et al.* Centro de Escrita Acadêmica da Unespar: experiência de um projeto de internacionalização universitária. Congresso das Licenciaturas - COLI, 2022, Apucarana. Anais do COLI 2022. v. 1. p. 1-10, 2022.
- Altbach, P. G. Globalization and the university: realities in an unequal world. *In*: Forest, J. F.; Altbach, P. G. (eds.). International handbook of higher education. Netherlands: Springer, 2006. p. 121-139.
- Altbach, P. G. The international imperative in higher education. Netherlands: Springer Science & Business Media, 2013.
- Amorim, G. B.; Finardi, K. R. Internacionalização do ensino superior e línguas estrangeiras: evidências de um estudo de caso nos níveis micro, meso e macro. *Avaliação*, Campinas, v. 22, n. 3, p. 614-632, 2017.
- Andreotti, V. O.; Stein, S.; Ahekanew, C.; Hunt, D. Mapping interpretations of decolonization in the context of higher education. *Decolonization: indigeneity, education & society*, [S. l.], v. 4, n. 1, 2015. Disponível em: <https://decolonialfuturesnet.files.wordpress.com/2018/02/mapping-decolonizationhe.pdf>. Acesso em: 21 set. 2023.
- Baumvol, L. K.; Sarmiento, S. A internacionalização em casa e o uso de inglês como meio de instrução. *Echoes: Further Reflections on Language and Literature*, 2016.
- Baumvol, L. K.; Sarmiento, S.; Welp, A.; Bocorny, A. Understanding perceptions on EMI at a public higher education university in Brazil. *In*: CONFERÊNCIA FAUBAI, 28., 2016. Fortaleza. Anais [...]. Fortaleza, 2016.
- Bido, M. C. F. Ciência com Fronteiras: a mobilidade acadêmica e seus impactos. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, RS, 2015. 134p.
- Blommaert, J. The sociolinguistics of globalization. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- Campbell, F. Q. *et al.* Creating a Writing Center in Salvador-Bahia, Brazil. *Writing Lab Newsletter: a journal of writing center scholarship*. [S. l.], 2018. Disponível em: <https://www.wlnjournal.org/blog/2018/03/creating-a-writing-center-in-salvador-bahia-brazil/>. Acesso em: 6 maio 2023.
- Chang, B. Building a higher education pipeline: sociocultural and critical approaches to 'internationalisation' in teaching and research. *Hong Kong's Teachers' Centre Journal*, [S. l.], v. 16, p. 1-24, 2017.
- Centro de Escrita Científica (CEC). [S. l.], s/d. Disponível em: <https://ucsal.br/institucional/centro-de-escrita-cientifica-cec/>. Acesso em: 6 maio 2023.
- Cristóvão, V. L. L.; Vieira, I. R. Letramentos em Língua Portuguesa e Inglesa na Educação Superior Brasileira: marcos e perspectivas. *Ilha do Desterro*, v. 69, n. 3, p. 209-221, Florianópolis, 2016.
- De Wit, H. Global: Internationalization of Higher Education: Nine Misconceptions. *In*: G. Mijut, P. G. Albach, & H. de Wit. (Eds.), *Understanding higher education internationalization. Global perspectives on higher education*, p. 9-12. Rotterdam: Sense Publishers, 2017.
- De Wit, H. Internationalization in higher education, a critical review. *SFU Educational Review*, 12(3), p. 9-17, 2019.
- De Wit, H., Leal, F.; Unangst, L. Internationalization aimed at global social justice: Brazilian university initiatives to integrate refugees and displaced populations. *ETD: Educação Temática Digital*, 22(3): 567-590, 2020.



- Ellis, V.; McNicholl, J.; Blake, A.; McNally, J. Academic work and proletarianisation: A study of higher education-based teacher educators. *Teaching and Teacher Education*, New York, v. 40, p. 33-43, 2014.
- Ferreira, M. M.; Lousada, E. G. Ações do Laboratório de Letramento Acadêmico da Universidade de São Paulo: promovendo a escrita acadêmica na graduação e na pós-graduação. *Ilha do Desterro*, v. 69, n. 3, p. 125-140, Florianópolis, 2016.
- Finardi, K. R. Internacionalização crítica: possibilidades para a inclusão e (in) formação superior. A educação docente em contextos de internacionalização/mundialização. *In: Jornada Internacional de Linguística Aplicada Crítica*, 2017. Anais [...]. Brasília: Universidade de Brasília, 2017. p. 600-626.
- Finardi, K. R.; Guimarães, F. F. Internacionalização, rankings e publicações em inglês: a situação do Brasil na atualidade. *Estudos em Avaliação Educacional*, São Paulo, v. 28, n. 68, p. 600-626, 2017.
- Finardi, K. R.; Guimarães, F. F.; Mendes, A. R. Reflecting on Brazilian Higher Education (Critical) Internationalization. *Revista Internacional de Educação Superior*, v. 6, e020031, 2020.
- Finardi, K. R.; Ortiz, R. R. A. Internationalisation of Universities and Sdg 4: a focus on research and outreach. *CIET conference proceedings*, 1, 348-363, 2022.
- Finardi, K. R. As línguas e rankings no Oscar da internacionalização das produções científicas latino-americanas: Languages and Oscar rankings of the internationalization of Latin American scientific productions. *Estudos Linguísticos* (São Paulo, 1978), 51(1), 147-161, 2022. Recuperado de <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/3180>
- Gimenez, T. Desafios contemporâneos na formação de professores de línguas: contribuições da lingüística aplicada. *In: Freire, M. M.; Abrahão, M. H. V.; Ferreira, A. M. B. Lingüística aplicada e contemporaneidade*. Campinas: Pontes, 2005. p. 183-201.
- Gramsci, A. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
- Hill, C.; Hell, S.; Van Cauter, K. Internationalising higher education in Cambodia, Lao PDR, Myanmar, and Viet Nam: challenges and approaches. *Studies in Higher Education*, Dorchester on Thames, p. 1-15, 2019.
- Knight, J. *Higher education in turmoil: the changing world of internationalization*. Rotterdam: Sense Publ, 2008.
- Knight, J. Internationalization remodeled: definition, approaches, and rationales. *Journal of Studies in International Education*, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 5-31, 2004.
- Knight, J. Updated definition of internationalization. *International Higher Education*, Chestnut Hill, n. 33, 2003.
- Kumaravadivelu, B. A linguística aplicada na era da globalização. *In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 129-148.
- Leal, F.; Finardi, K.; Abba, J. Challenges for an internationalization of higher education from and for the global south. *Perspectives in Education*, v. 40, n. 3, p. 241-250, 2022. Disponível em: <https://journals.co.za/doi/abs/10.18820/2519593X/pie.v40.i3.16>. Acesso em: 8 mar. 2023.
- Marx, K.; Engels, F. *Manifesto do partido comunista*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- Maués, O. C.; Souza, M. B. A transnacionalização e a expansão da educação superior. *Educação em Questão*, v. 56, n. 47, p. 151-173, 2018.
- Mazzarol, T.; Soutar, G. N. Push-pull factors influencing international student destination choice. *International Journal of Education Management*, Melbourne, v. 16, n. 2, p. 82-90, 2002.
- Moita Lopes, L. P. Inglês no mundo contemporâneo: ampliando oportunidades sociais por meio da educação. *In: Simpósio da Tesol International Research Foundation (TIRF)*, 2005. São Paulo. Anais [...]. São Paulo: TRF, 2005.
- Molinari, A. C.; Franco, S. A. P.; PASSONI, T. P. Formação de professores de línguas em contexto de internacionalização. *Revista NUPEM, Campo Mourão*, v. 12, n. 26, p. 62- 80, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3dilqrv>. Acesso em: 20 jun. 2023.

Passoni, T. P. Native-speakerism and English without Borders Program: investigating language ideologies through a language policy. *BELT: Brazilian English Language Teaching Journal*, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 40-59, 2017.

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Qué debe saber acerca de las Cátedras UNESCO y las Redes UNITWIN. Disponível em: <https://www.unesco.org/es/articles/que-debe-saber-acerca-de-las-catedras-unesco-y-las-redes-unitwin>. Acesso em: 3 ago. 2023.

Stein, S.; Andreotti, V.; Bruce, J.; Suša, R. Towards Different Conversations About the Internationalization of Higher Education. *Comparative and International Education*, Vol. 45, ed. 1, 2016.

Stein, S. Critical internationalization studies at an impasse: making space for complexity, uncertainty, and complicity in a time of global challenges. *Studies in Higher Education*, [S.l.], p. 1771-1784, 2019.

Universidade Católica de Salvador (UCSal). Centro de Escrita Científica. Disponível em: <http://noosfero.ucs.br/pesquisa/centro-de-escrita-cientifica>. Acesso em: 23 abr. 2023

Universidade Federal Fluminense (UFF). Plano de Desenvolvimento Institucional (2013-2017). Niterói, 2012. Disponível em: [http://pdi.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/196/2017/06/PDI-UFF\\_2013-2017.pdf](http://pdi.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/196/2017/06/PDI-UFF_2013-2017.pdf). Acesso em: 22 set. 2023.

Universidade Federal Fluminense (UFF). Plano Institucional de Internacionalização da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2018. Disponível em: [https://www.uff.br/sites/default/files/paginas-internas-orgaos/plano\\_pt.pdf](https://www.uff.br/sites/default/files/paginas-internas-orgaos/plano_pt.pdf). Acesso em: 23 set. 2023.

Universidade Federal Fluminense (UFF). Plano de Desenvolvimento Institucional (2023-2027). Niterói, 2023. Disponível em: [http://pdi.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/196/2023/09/PDI\\_2023-2027-v-21\\_08\\_23.pdf](http://pdi.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/196/2023/09/PDI_2023-2027-v-21_08_23.pdf). Acesso em: 22 set. 2023.

Vavrus, F.; Pekol, A. Critical internationalization: moving from theory to practice. *FIRE: forum for international research in education*, Bethlehem, p. 5-21, 2015.